

ANGOLA E METRÓPOLE—BANCO DE PORTUGAL

Através de todas as pressões e ameaças, "A Batalha" prosseguirá na sua campanha

A desorientação do juiz investigador é um reflexo da desorientação dos homens do Banco de Portugal que estão apavorados com as revelações que temos feito
Tudo quanto A BATALHA tem revelado vai tendo plena confirmação. As manobras italianas que desvendámos em 24 de Janeiro acabam de ser confirmadas pelo jornal fascista "Empero"

«A Batalha» mantém-se firme

Temos dito que este caso do Angola e Metrópole é tão complicado e mergulha suas raízes num redor tão emaranhado de interesses que muito haverá ainda para dizer, por muito que isso pese a certas criaturas que têm querido influir na orientação de *A Batalha* julgando que ela pode esquecer a sua missão de jornal do povo, de órgão do proletariado.

Só quem, como nós, vem lutando sem um desafalcamento pelo triunfo da Verdade, pode sentir o cérebro que discretamente os interesses mais antagónicos vêm fazendo à *Batalha*. Como a nossa atitude é firmemente pautada pelo interesse público, descobrindo todas as manobras e revelando a verdade, quer ela prejudique o Banco de Portugal e o Angola e Metrópole, quer o Banco Ultramarino e o Alfredo da Silva, ela tem causado apreensões tanto aos ladrões que a grande imprensa defende, como mesmo a alguns dos presos, que no meio deste lodado pretendem ageitar-se apenas. Têm-se movido grandes influências para nos calar, têm-se movido grandes influências para nos fazer falar. Umas vezes convém os silêncios, outras convém as palavras. Mas a *Batalha* indiferente às armadilhas, às manobras — segue o seu caminho, de acordo com a sua consciência, e nada mais.

O juiz Alves Ferreira também fez uma tentativa. Quando intimou o nosso director a fazer declarações, julgava uma cousa e salu-lhe outra. Quis que o director da *Batalha* accedesse a ir falar-lhe em particular, e o nosso director não foi. Que desejaria dizer-lhe em particular o conselheiro Alves Ferreira?

Junto de amigos nossos têm-se feitopiedos hábeis que êsses nossos amigos, que nos conhecem bem, têm repelido com energia. E' o cérebro, o verdadeiro cérebro.

Hoje estão esgotados todos os recursos. Nem o suborno, nem a ameaça nos demovem. A campanha da *Batalha* não convém a certos presos, nem ao Banco de Portugal, nem a ninguém cujos actos não sejam pautados pela correção e pelo desinteresse. Ainda havemos de ver os homens do Banco de Portugal de braço dado com certos políticos corruptos e tenebrosos que neste momento se encontram a ferros. Isso não os assustará. A campanha da *Batalha* prosseguirá no mesmo rumo, porque está fora desses interesses mesquinhos.

Preparamos os mais venais políticos e os mais repugnantes financeiros, uma revolução para ageitar as couças em harmonia com as manobras e interesses de certos presos, que por muito estranho paradoxo estão prestes a cair fraternalmente nos braços de alguns homens do *Século*, do Banco de Portugal e do Banco Ultramarino? Pouco nos importam essas manobras tenebrosas, pouco nos importam. Ficaremos sempre no nosso posto, atacando a questão de frente, desvendando a verdade.

Deixemo-los manobrar. Deixemo-los. O que fôr soará.

As ladaneiras do Banco de Portugal

A campanha da *Batalha* tem levado o pânico ao seio dos investigadores. A verdade não lhes convém. Alves Ferreira anda desorientado. As nossas considerações muito claras, muito convincentes e lógicas, atrapalharam-no bastante. E a sua desorientação, afinal, não é mais do que o reflexo da desorientação que lavra no Banco de Portugal. Nós colocámos este estabelecimento de desordem perante a opinião pública. O caso dos cheques de compensação é um escândalo que ainda não de dar que fazer. Por intermédio desse engenhoso processo, que o tesoureiro Lupi pôs, com bastantes lucros pessoais, em ação, distribuiram-se milhares de contos a casas bancárias arruinadas. Mas a indústria, que atravessava uma quadra afluente, e todas as iniciativas úteis que poderiam contribuir para o desenvolvimento económico do país, evitando a crise de trabalho que nos assoberrou e que mantém no meio da maior miséria milhares de operários, essas obras sempre mereceram ao Banco de Portugal o maior desprazer.

E o resultado é o que se está vendo. Tudo quanto constitui fomento económico asfixia sob o peso da falta de auxílio financeiro.

O Banco de Portugal está farto de fazer emissões secretas de notas, mas dessas emissões não aproveita o país nem um centavo. Antes se afunda mais. Quem aproveita com essas emissões são os inocentes e seus apâmnigados.

E como a *Batalha* revela todos estes podres, chamando a atenção do povo para o estado lastimável em que se encontra a economia do país, devido à ambição insaciável dos Ruis, dos Inocentes, dos Lupis, de todos estes lobos que se ocultam na caverna tenebrosa do Banco de Portugal, aterrorizados, os lobos querem arremeter. Mas nós não os tememos. Quanto mais desorientados os vímos mais cruéis, mais brutais hão de ser as nossas revelações.

Que manobrem os Lupis, que manobrem os Ruis, que a *Batalha* não se calará. Eles estão atrapalhados porque nós puçemos a descoberto a manobrasinha do tesoureiro Lupi, que ainda lá está no Banco, com a impunidade acobertada pela falta de moral do governo do Banco tão venal como él, tão corrupto como él, com as emissões secretas de notas que têm sido para aqueles cavalheiros a fortuna, mas que o pão paga com a sua ruína e a sua miséria.

Estamos convencidos de que ainda terão a paga condigna de actos de tanta benevolência...

São estas verdades que êles não querem que se digam, daí a sua manobra surda contra nós, que sentimos pesar no ambiente, mas da qual nos defendemos com energia, sem medo, porque nunca o tivemos, prontos a tudo, excepto a torcer a verdade, ou a ocultar o que por dever moral devemos dizer alto e em bom som.

Confirmam-se as revelações de "A Batalha"

Todos os dias se confirmam directa ou indirectamente as revelações de *A Batalha*. Mesmo que Alves Ferreira resolva não falar mais aos jornalistas. Denunciámos no nosso número de 24 de Janeiro do corrente que as manobras italianas, de acordo com alguns portugueses, entre êles o Pereira da Rosa, de *O Século*, em torno das colônias portuguesas, nomeadamente Angola.

Ainda ontem *A Tarde* publicava o programa do jornal *Empero* acerca de um futuro império colonial italiano.

Eis o tal programa:

1.º Pôr na ordem do dia da nação os problemas da colonização e mobilizar os espíritos em torno destes problemas;

2.º Estabelecer as relações que existem ou devem existir entre a colonização e a emigração;

3.º Chamar a atenção do capital italiano para as possibilidades coloniais;

4.º Estudar o problema colonial sob o ponto de vista das matérias primas, para libertar a Itália dos subsídios estrangeiros;

5.º Demonstrar ao povo italiano que a prosperidade económica está na dependência estreita da posse dum vasto, rico e poderoso império colonial;

6.º Recordar o espírito aventureiro dos grandes navegadores, cultivadores e soldados para a missão que desde séculos nos foi traçada, a saber: sulcar todos os mares com os nossos produtos, os nossos exércitos e a nossa invencível oufadia;

7.º Derramar através dos continentes a luz da nossa civilização mediterrânea e impô-la com aquela energia romana que, levando as suas leis e a sua superioridade civil, justificava a sua dominação;

8.º Procurar novos recursos de vida e de riqueza para a pátria e levar o nome e a bandeira de Roma o mais longe possível, vitoriosamente.

Consultem o *Século* sobre estas manobras. Perguntam a Alfredo da Silva que interesses tem, ele ligados aos interesses italianos. Interroguem ainda alguns políticos bem cotados sobre que têm êlesido fazer à sede da Sociedade Commercial Italiana de Emigración, de Paris. Pergunte-se ainda ao *Século* qual era a razão fundamental da sua campanha contra o Angola e Metrópole, que financiando Angola deitava por terra os projectos de absorção dos italianos. E se eles quiserem responder, teremos explicada a atitude do *Empero*.

A esses pseudo-patriotas que vendem a sua terra, que negociam populações como se fossem carneiros, que nos roubam aqui na metrópole, é que não convém a campanha da *Batalha*.

Mas quer queiram, quer não — hão de suportá-la.

A igreja e a questão social

Os bispos estão envidando grandes esforços para criar, em Portugal, sindicatos católicos de operários e patrões

O sr. Manuel Luís Coelho da Silva, arcebispo de Coimbra, «por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica»—duas mercês diferentes ou uma só verdadeira?—escreveu há tempos uma pastoral sobre a Igreja e a questão operária que os padres leram aos fieis e que foi agora publicada em folheto. Esta pastoral trai claramente, para os que conhecem as velhas e relhas habilidades diplomáticas da Igreja, o desejo de salvar os patrões da resistência cada vez mais obstinada e consciente que os operários opõem à sua exploração. Lida pelos que conhecem o catolicismo superficialmente, através das feias imagens dos seus santos e das vestes ridículas e femininas dos seus prelados, a pastoral parece uma lágrima sentimental vertida sobre as misérias do proletariado e um protesto manso, manso como o vago e iluminado anarquismo de Jesus, contra a excessiva dureza e a excessiva crueldade dos patrões.

A pastoral que não atesta facultades mentais invulgares no sr. bispo Coelho começa por reconhecer que a questão social, a questão operária, é a mais formidável questão da hora presente e analisa a revolta do operário perante a sua crescente miséria e a rápida acumulação de fortunas na grande indústria. Esta crítica marca o espírito aparentemente transiente da igreja, aceitando como verdadeiras as afirmações feitas por todos os revolucionários que se basearam em factos incontrovertíveis. Lendo-a, sentimo-nos revoltados com o cinismo da Igreja que se pôs ao serviço da conflagra mundial, incitando, com a imagem do Cristo à frente, os povos «cristãos» a trucidarem-se. E a Igreja serviu a guerra, defendendo os interesses capitalistas a quem ela servia, a pesar de pregar como um princípio básico: «ama o próximo como a ti mesmo». Esse princípio quer agora aplicá-lo para servir os patrões, destruindo no operário a sua consciência colectiva e o seu espírito sindicalista revolucionário. Torce-o para auxiliar a guerra, force-o novamente para auxiliar os capitalistas a reduzir o operariado à servidão antiga.

E, como se tivesse nas mãos toda a justiça, toda a verdade, toda a razão, repeate categóricamente esta afirmação tão do agrado da União dos Interesses Económicos: «Finalmente a todas essas ideias subversivas que sopram entre as diferentes classes da sociedade um espírito de inveja e ódio inimigo de toda a hierarquia, opõe o cristianismo e recorda a grande lei da Providência segundo a qual deve haver sempre ricos e pobres, grandes e pequenos, trata-

vitável da queda do podre e iniquo mundo burguês, como outrora considerou uma catástrofe semelhante, nas suas imensas proporções e na sua imensa desgraça, a queda do feudalismo. E' que cada transformação social significa para a Igreja uma diminuição de predominio e força-a a uma obra de captação e de adaptação a um novo sistema político e económico que a faz perder tempo e lhe esgota as energias que emprega para se manter e que ela quereria sólamente aplicar na conquista do poder temporal.

* * *

A Igreja está ligada a todos os crimes, a todas as violências, a todas as infâncias do passado. Sancionou sempre todas as corrupções e iniquidades dos poderosos e foi ela mesma corrupta e iniqua. Teve escravos, cometeu explorações e provocou guerras atrocres, uma das quais até ocasionou o saque de Roma, isto não falando em factos muitos anteriores, não falando mesmo na destruição da riquíssima biblioteca de Alexandria que deve ser considerada como um dos seus maiores crimes perpetrados contra a inteligência e o saber humanos.

Perseguiu os escravos, explorou-os em nome do cristianismo, do cristianismo das catacumbas, a primitiva religião dos escravos. E é ela, que promoveu guerras, quem vem querer pôr termo ao antagonismo das classes, a fim de evitar que o mundo se dilacere em choques homicidas; é ela que enviou os seus padres para os fronts da conflagra mundial, incitando, com a imagem do Cristo à frente, os povos «cristãos» a trucidarem-se. E a Igreja serviu a guerra, defendendo os interesses capitalistas a quem ela servia, a pesar de pregar como um princípio básico: «ama o próximo como a ti mesmo».

Esse princípio quer agora aplicá-lo para servir os patrões, destruindo no operário a sua consciência colectiva e o seu espírito sindicalista revolucionário.

Torce-o para auxiliar a guerra, force-o novamente para auxiliar os capitalistas a reduzir o operariado à servidão antiga.

E, como se tivesse nas mãos toda a justiça,

toda a verdade, toda a razão, repeate categóricamente esta afirmação tão do agrado da União dos Interesses Económicos:

«Finalmente a todas essas ideias subversivas que sopram entre as diferentes classes da sociedade um espírito de inveja e ódio inimigo de toda a hierarquia, opõe o cristianismo e recorda a grande lei da Providência segundo a qual deve haver sempre ricos e pobres, grandes e pequenos, trata-

vitável da queda do podre e iniquo mundo burguês, como outrora considerou uma catástrofe semelhante, nas suas imensas proporções e na sua imensa desgraça, a queda do feudalismo. E' que cada transformação social significa para a Igreja uma diminuição de predominio e força-a a uma obra de captação e de adaptação a um novo sistema político e económico que a faz perder tempo e lhe esgota as energias que emprega para se manter e que ela quereria sólamente aplicar na conquista do poder temporal.

* * *

A Igreja e a questão social

Na Associação dos Corticeiros de Lisboa

Na Associação dos Corticeiros de Lisboa, rua de Marvila, realiza-se hoje, às 19 horas, mais uma jornada de propaganda anti-fascista.

Farão uso da palavra delegados da comissão de agitação da C. S. T. e de vários organismos operários, expressamente convidados para esse fim.

Todos os trabalhadores devem comparecer a esta sessão a fim de afirmarem os seus protestos contra a tentativa de fascismo em Portugal.

* * *

Contra o fascismo

Na Associação dos Corticeiros de Lisboa

Na Associação dos Corticeiros de Lisboa, rua de Marvila, realiza-se hoje, às 19 horas, mais uma jornada de propaganda anti-fascista.

Farão uso da palavra delegados da comissão de agitação da C. S. T. e de vários organismos operários, expressamente convidados para esse fim.

Todos os trabalhadores devem comparecer a esta sessão a fim de afirmarem os seus protestos contra a tentativa de fascismo em Portugal.

* * *

Tumultos em Paris

PARIS, 29.—Durante os tumultos que se deram ontem à noite, depois das eleições, a polícia viu-se obrigada a carregar, tendo ficado gravemente ferido um manifestante.

Torce-o para auxiliar a guerra, force-o novamente para auxiliar os capitalistas a reduzir o operariado à servidão antiga.

E, como se tivesse nas mãos toda a justiça,

toda a verdade, toda a razão, repeate categóricamente esta afirmação tão do agrado da União dos Interesses Económicos:

«Finalmente a todas essas ideias subversivas que sopram entre as diferentes classes da sociedade um espírito de inveja e ódio inimigo de toda a hierarquia, opõe o cristianismo e recorda a grande lei da Providência segundo a qual deve haver sempre ricos e pobres, grandes e pequenos, trata-

vitável da queda do podre e iniquo mundo burguês, como outrora considerou uma catástrofe semelhante, nas suas imensas proporções e na sua imensa desgraça, a queda do feudalismo. E' que cada transformação social significa para a Igreja uma diminuição de predominio e força-a a uma obra de captação e de adaptação a um novo sistema político e económico que a faz perder tempo e lhe esgota as energias que emprega para se manter e que ela quereria sólamente aplicar na conquista do poder temporal.

* * *

O último decreto n.º 11494 publicado no Diário do Governo, de 10 de corrente mês pela pasta da guerra é simplesmente vexatório.

Pois com que direito se exige ao pobre e falido emigrante que está sujeito às rígidas leis militares até aos 45 anos, o pagamento de uma taxa de licença para emigrar que varia, segundo a idade de cada um, entre 500 a 50 escudos, além das cauções e taxas militares antecipadas a depositar e que já eram obrigados antes da publicação deste decreto? Ao passo que os ricos e endinhei-

Está sendo exercida, sobre aqueles a quem a miséria força a emigrar uma exploração criminosa

O dr. sr. Filipe Mendes numa entrevista que ultimamente deu ao *Diário de Lisboa* falou sobre o grave problema da emigração para o Brasil, Argentina e América do Norte, apontando as deficiências da lei que regula este assunto, a falta de assistência ao emigrante, o

'A Batalha' na província e arraiares

Torres Novas

O torvo ódio dos reacionários

TORRES NOVAS, 22. — Como é do conhecimento de todos os nossos leitores Torres Novas é um feudo jesuítico e conservador.

Acabé de dar-se nesta terra mais um caso que atesta exuberantemente o ódio que os reacionários alimentam contra todos aqueles—a-pesar-de-poucos—que não leem pela sua escelerada cartilha.

Desde a vigência do ministério a que presidiu José Domingues dos Santos, que é delegado do governo nesta localidade o sr. Gabriel Medina Camacho, o qual valia a verdade, tem dado algumas provas de ser uma criatura desempenhada em matéria religiosa e de tendências esquerdistas, e do qual até à data não temos de que nos queixar.

O sr. Camacho é criatura com quem temos convivido apenas muito de longe e por isso não nos ligam grandes amizades pessoais; e como político merece-nos a mesma consideração que qualquer outro.

Não temos nenhuma procuração do sr. Camacho para que o defendamos, visto que de tal não necessita nem tal aceitariam, mas porque o caso é digno de nota por vêrmos até onde chega o ódio jesuítico, hemos por bem narrá-lo, embora com numerosos antigos vereadores.—H

Eis o caso:

Os reacionários locais — os doutorados manos Azevedos predominam em todas as instituições administrativas e de beneficência locais excepto na administração do concelho — lugar que é exercido pelo sr. Camacho.

Como o delegado do governo tenha feito uma política que desagrada sobremaneira aos reacionários, estes incompatibilizaram-se com ele, minando na sombra para o liquidar e aproveitando para tal todos os pretextos, ainda os mais futeis.

A quando das eleições apareceu em Torres Novas um jornal rotulado de republicano de que era director o sr. Camacho.

Como era de esperar, este atestou as suas baterias contra o beato dr. Joaquim Azevedo, presidente da Câmara Municipal que é nesta terra um autêntico régulo, um exercendo soba, e lá porque viesssem publicadas umas tantas consas — se calham verdades amargas — que ao doutor desagradaram, vá de processar o dito sr. Camacho.

Ora nós sabemos que o que levou o dr. Azevedo a processar o sr. Camacho não foram os tais artigos, mas sim a vontade que eles têm em o sacudir da administração do concelho para fora, para também ali predominarem e exercerem a sua perniciosa influência.

O que é mais revoltante e indigno, a ser verdade, é a ação infia e apaixonada, exercida pelo juiz desta comarca que, ao consta, mancomunado com os reacionários, tem mantido uma atitude pouco digna e nada imparcial.

Santarém

Uma «aparição» que não é miraculosa...

SANTAREM, 25. — Não se espante o leitor. Trata-se dum caso que não é tão sugestivo como deixa antever o título que encima estas linhas. É a personagem desta nossa espirituosa ironia uma linda senhora, esbelta, figura escultural e de apresentação magestosa. Não é só a beleza excelsa da nossa protagonista que nos emociona e levou a traçar estas linhas inofensivas. É que alguém — do segredo dos deuses — nos diz que aquela senhora agente de ligação entre os reacionários — seja religiosa e jesuítica — que A Batalha vem fiscalizando desassombadamente.

Nós meditámos e reflectindo admitimos que essa senhora fosse escolhida pela sua beleza extraordinária e apresentação luxuosa, para encobrir facilmente a qualidade misteriosa de agente de ligação entre os reacionários. É o nosso confidente contanos assim a missão secreta dessa senhora duvidosa:

Em vários dias da semana parte do Rosário no rápidos da manhã. Chegada à estação desta cidade retêm-se ali, aguardando um emissário-reacionário, com quem permute correspondência, etc. Finda a entrevista volta a Lisboa no rápidos das 18.10. Repetida sua missão de agente diabólico, regressa a Lisboa, finalmente, no rápidos das 22 horas.

Será uma conspiração por amor de Deus...

Um tenente provocador

e ultra-reacionário

Ao passo que se mantém presos iniquamente e deportados criminosamente indivíduos de espírito livre e desempeñado, que por vezes sacrificaram sua liberdade e arriscaram a vida em defesa desta pseudo república, prometem-se procissões nas ruas, auxilia-se com subsídios do Estado as congregações religiosas, protege-se a igreja e incita-se os fanáticos à propaganda jesuítica.

A acção monárquica faz-se sentir aberta e provocadora. Ainda há dias, surgiu no Café Nacional desta cidade um indivíduo que diz chamar-se António da Silva Monteiro, fardado de tenente-picador, — embora sobrancendo uma pasta, como agente dumha companhia de seguros — que depois de chamar à tela da discussão política tudo e todos, se declarou, grotescamente, um reacionário convicto, e autoritariamente berrando o seu não receio de que o denunciasssem ao ministro da guerra. Por fim, este insolente talassão acabou por desafiar para o pugilato os interlocutores. Só a muito custo se evitou uma desordem, em que certamente seria bem zurzido o provocador. — C.

Coimbra

Sua magestade a batota!

COIMBRA, 26. — Sobre o jongo nesse círculo, muito temos dito nas colunas destas orais.

Não obstante tudo isto, e não obstante a repressão do jongo aconselhada pelo sr. António Marangão da Silva, no Parlamento, o sr. Comissário da Polícia lusa-ateniense — talvez pela sua muita admiração pelo seu Zé Domingues — tem em não acatar as ordens do chefe da batonaria.

Em Coimbra, sua magestade a batota impõe livremente, impunemente prosseguindo no assalto às carteiras dos incautos.

Os advogados catalães revolvem-se contra a hogalidade dos ditadores

CERBERE, 27. — Os passageiros vindos de Barcelona referem um novo incidente político que agitou toda a Catalunha. O comité organizador do Colégio dos Advogados foi destituído pelo governo sob o pretexto de os seus membros pertencentes ao partido catalanista e empregarem o idioma catalão em todos os seus documentos.

O governo nomeou, para suceder ao comité dissolvido, uma comissão formada por advogados muito conhecidos pelas suas afirmações de lealdade à Espanha. O sr. Alberto Bernis recusou-se às funções de vice-decano, estando a ser porroso processado nos tribunais, por o governo haver determinado como obrigatório o exercício das funções atribuídas.

Os membros do antigo comité foram intimados pelo presidente do tribunal da Relação e, na presença do governador civil, general Milan del Bosch, foi-lhes exigida uma retracção assinada das suas opiniões catalanistas. Todos se recusaram, e então foram presos. Entre os advogados assim atingidos encontram-se o decano Raimundo de Abadal, antigo parlamentar, e o antigo administrador Alberto Bastardo, assim como numerosos antigos vereadores. — H

Eis o caso:

Os reacionários locais — os doutorados manos Azevedos predominam em todas as instituições administrativas e de beneficência locais excepto na administração do concelho — lugar que é exercido pelo sr. Camacho.

Como o delegado do governo tenha feito uma política que desagrada sobremaneira aos reacionários, estes incompatibilizaram-se com ele, minando na sombra para o liquidar e aproveitando para tal todos os pretextos, ainda os mais futeis.

A quando das eleições apareceu em Torres Novas um jornal rotulado de republicano de que era director o sr. Camacho.

Como era de esperar, este atestou as suas baterias contra o beato dr. Joaquim Azevedo, presidente da Câmara Municipal que é nesta terra um autêntico régulo, um exercendo soba, e lá porque viesssem publicadas umas tantas consas — se calham verdades amargas — que ao doutor desagradaram, vá de processar o dito sr. Camacho.

Ora nós sabemos que o que levou o dr. Azevedo a processar o sr. Camacho não foram os tais artigos, mas sim a vontade que eles têm em o sacudir da administração do concelho para fora, para também ali predominarem e exercerem a sua perniciosa influência.

O que é mais revoltante e indigno, a ser verdade, é a ação infia e apaixonada, exercida pelo juiz desta comarca que, ao consta, mancomunado com os reacionários, tem mantido uma atitude pouco digna e nada imparcial.

OS QUE MORREM

José da Almeida Júnior

Na preterida sexta-feira faleceu no hospital de São José o operário serralleiro José da Almeida Júnior, irmão de Joaquim de Almeida. O seu funeral realiza-se hoje, às 14 horas, saindo da casa mortuária do hospital de São José para o cemitério da Ajuda.

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.

Encareça-se os depósitos na Caixa Geral, cobrando de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de nobreza e procurador na Rue do Carmo, n.º 43, 1º, frente

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Meduana» são hoje expedidas malas-postais para Dakar, Bissau, Bolama, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências às 7 horas da manhã.

Também via Marselha são expedidas hoje e amanhã malas de correio para a Índia portuguesa e Macau, efectuando a última tiragem às 11.30.

TIVOLI

Telef. II. 5474
A'S 8 314

Peregrinação portuguesa a Lourdes e Roma no Ano Santo

Documentário interessantíssimo em cinco partes

JOANA D'ARC

Superfilm histórico em oito partes

Ensenção de CECIL MILLE com GERALDME FARRAR e WALLACE REED

Admirável realização da vida da donzelha de Orleans e um dos mais curiosos esforços da cinematografia americana em «films» de grande espectáculo

UMA CINE-FARÇA

realização da vida da donzelha de Orleans e um dos mais curiosos esforços da cinematografia americana em «films» de grande espectáculo

Amô de pessoas abastadas

BRUXELAS, 22. — Em seguida a uma reunião da comissão nacional mista de mídias, na qual não fôr possível um acordo para novos salários, os delegados patronais apresentaram a sua demissão. — H

A guerra de Marrocos

RABAT, 29. — Têm sido assimilados vários movimentos das tropas rifeiras na proximidade da zona internacional de Tangier.

O maior tempo continua em toda a linha de batalha do norte.

der contra os bateoteiros, sem para tal recebermos ordens do sr. Comissário!

Daqui se infere que o sr. Comissário não preocupa com tais ninharias, permitindo que alguns «souteneurs», sem calos nas mãos, continuem sugando os ordenados irrisórios de muitos empregados públicos, caixeiros, militares, etc., que às suas «ratoeiras» conseguem atrair.

Em conclusão: com as autoridades locais, com a complacência com que assistem a esta bandalheira, vão-se-nos tornando suspeitas e forçam-nos a raciocinar: «Quem sabe? Terão elas interesses ligados à manutenção da jogatina?»

E fonte limpa fomos informados de que um grupo de cidadãos de cá da terra vai depor, pessoalmente, nas mãos do sr. Comissário, um energético protesto contra a batota que campeia, infrene, neste burgo.

A forte autorizada iremos colher, por estes dias, informes positivos sobre os nomes das individualidades que são emprezadas da batota coimbrã.

Aqui os escarrapacharemos todos para que os leitores fiquem suficientemente elucidados sobre a moral, a dignidade, de certos lobos manhosos e vorazes, que usam ocultar a sua hediondez sob a pele de inofensivas overchás. — C.

Diversas

Os alunos do Instituto Industrial e Commercial de Coimbra acabam de constituir a sua associação de classe, que tem por fins fazer valer os direitos dos alunos deste Instituto junto dos poderes constituidos.

Os seus corpos gerentes deram conhecimento oficial da constituição desta agremiação ao director do instituto dr. José António Cid de Oliveira, que lhe teceu os maioreselogios pela sua iniciativa e prometeu-lhe o seu apoio.

As Rosas—O Jorja—A Cafarina

Algum que, há dias, indagou dum elemento da ronda policial, no domínio de Coimbra, que há dias, surgiu no Café Nacional desta cidade um indivíduo que diz chamar-se António da Silva Monteiro, fardado de tenente-picador, — embora sobrancendo uma pasta, como agente dumha companhia de seguros — que depois de chamar à tela da discussão política tudo e todos, se declarou, grotescamente, um reacionário convicto, e autoritariamente berrando o seu não receio de que o denunciasssem ao ministro da guerra. Por fim, este insolente talassão acabou por desafiar para o pugilato os interlocutores. Só a muito custo se evitou uma desordem, em que certamente seria bem zurzido o provocador. — C.

Coimbra

Sua magestade a batota!

COIMBRA, 26. — Sobre o jongo nesse círculo, muito temos dito nas colunas destas orais.

Não obstante tudo isto, e não obstante a repressão do jongo aconselhada pelo sr. António Marangão da Silva, no Parlamento, o sr. Comissário da Polícia lusa-ateniense — talvez pela sua muita admiração pelo seu Zé Domingues — tem em não acatar as ordens do chefe da batonaria.

Em Coimbra, sua magestade a batota impõe livremente, impunemente prosseguindo no assalto às carteiras dos incautos.

Preços populares

Instituto Policlínico da Estefânia

Largo de D. Estefânia, 6, 1.º — Telef. N. 3435

Medicina geral. — Cirurgia. — Clínica de especialidades

Corpo clínico-Doutores:

A. de Almeida Rocha — Clínica geral — as 14 horas.

António de Carvalho — Clínica geral — as 11 h.

Berta de Morais — Doenças das senhoras — as 13 1/2 h.

João Guerra — Clínica médica, doenças de comço e pulmões — as 18 h.

José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica — as 10 1/2 h.

Pedro Roberto Chaves — Análises clínicas.

Tadeu de Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — as 10 h.

Fernando Waddington — Raio X.

Heitor de Fonseca — Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado — as 12 h.

J. P. L. Laranjeira — Doenças dos rins e vias urinárias — as 11 h.

José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica — as 10 1/2 h.

Pedro Roberto Chaves — Análises clínicas.

Tadeu de Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — as 10 h.

G. A. Albuquerque —

HOJE — HOJE

Protagonista: No Teatro do Gimnásio

Palmira Bastos A representação da comédia em 3 actos e 4 quadros

MARCO POSTAL

Mexilhoeira da Carregação.—Sociedade Recreativa 1.º de Janeiro.—Recebe-se 28\$00. Assinatura do Diário e Suplemento paga até 31 Julho, p. p. «Renovação» paga até 30 de Setembro, p. p. Transferi-mos a assinatura da «Renovação» para Paulo da Silva.

Cabo Verde.—J. Lopes Júnior.—Enviámos em 22 de Janeiro os livros pedidos. Aguardamos vossas indicações.

Coimbra.—A. S. Januário.—Segue à cobrança para o dr. M. R. os números da «Renovação» de 1 a 18. É conveniente avisá-lo.

AGENDA

CALENDARIO DE MARÇO

Q.	6	11	18	25	HOJE O SOL
S.	7	12	19	26	Aparece às 6,25
S.	8	13	20	27	Desaparece às 18,58
D.	9	14	21	28	FASES DA LUA
S.	10	15	22	29	1. C. dia 29 às 10,00
T.	11	16	23	30	Q.M. 7 11,50
Q.	12	17	24	31	L.N. 24 12,00
					Q.C. 25 12,50

MARES DE HOJE

Fraijamar às 3,43 e às 3,57

Eaixamar às 9,13 e às 9,27

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	94\$75
Madrid, cheque...	2576	
Paris, cheque...	567,5	
Suíça, ...	3876,5	
Erujelas cheque	78	
New-York, ...	19555	
Amsterdam, ...	7584	
Itália, cheque ...	79	
Brasil, ...	2585	
Praga, ...	58,5	
Suécia, cheque...	525	
Austria, cheque	2576	
Berlim, ...	4566	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
São Luís.—A's 9...A Bayadera.
Gimnasio.—A's 21,30...Branca à glória.
Politeama.—A's 21...A Severa.
Avenida.—A's 21,15...O Pão de Ló.
Apollo.—A's 21,15...O Martir do Calvário.
Maria Vitoria.—A's 20,30 e 22,30...Foot-Balls.
Salão Foy.—A's 9,15...Variedades
Coliseu.—A's 21...Grande companhia de circo.
Cinema E. Vicente (A Graca)—Espectáculos às 3,45, sábados e domingos com matinées.
Emissora Portuguesa—Todas as noites. Concertos e discursos.

CINEMAS
Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terreiro—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

PRODUTOS ZÉDOL

Enviam-se catálogos grátis, ocultos
Pílulas virilogenas, o melhor
preparado para a fraqueza genital.
Pílulas Hemofitas, regularizador das menstruações.

Ovaralgina, o melhor preparado para as dores que acompanham a menstruação, de efeitos garantidos.

Pedidos ao depositário ANTONIO SILVA
Caçada de Santo André, 16

Associação de Socorros Mútuos "Igualdade"

Rua da Madalena, 199, 2º—LISBOA

AVISO

Convoco a Assembleia Geral ordinária para o dia 1 do próximo Abril, pelas 21,30 horas, sendo a ordem dos trabalhos: Aprovação do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal do ano findo.

Se a assembleia não funcionar por falta legal de sócios, fica a mesma desde já convocada para o dia 7 do mesmo mês e à mesma hora, funcionando então com o número de sócios que comparecerem.

Lisboa, 29 de Março de 1926.—O Presidente da Mesa, Mário Monteiro.

Perdeu-se

no mês de Fevereiro no Largo dos Inglesinhos, um colar de pedras grandes verdes e brancas, de muita estimação.

Pede-se a quem o achou ou saiba do seu paradeiro, que o entregue ou vá declarar a rua de São Bernardo, 58, 3.º E., à Estréla, onde receberá boas alvicias.

Ler a revista gráfica RENOVACAO

A Estupidez geral, pelo cardeal de Bourbon. Coleção de contos alegres.

História de Ganímedes, pelo duque de Anjou, filho predilecto da rainha.

Diana de Sauveterre, (rindo).—O nosso caro príncipe não pode ter escrito esse belo livro sem ter alguém que o ajudasse; e esse colaborador dos trabalhos... literários do sr. duque de Anjou não pode deixar de ter sido o gentil Odet, filho do sr. Néroweg de Plouernel, seu ajudante de campo. Os dois jovens são inseparáveis, de dia e... de noite!

Clorinda de Vauernay, (rindo às gargalhadas).—Oh! Italiam!... Italiam! Itália! rival de Gomorrha e de Lesbos!

Diana de Sauveterre, (rindo).—Tu falas latim, Clorinda?

Clorinda de Vauernay.—E' para não ferir os cascos ouvidos... das damas de honor!...

Berta de Verceil.—Tenho horror aos pequenos... hermafroditas... que usam colarinhas encanudas, brincos nas orelhas, leque na mão! Livre-nos Vénus do reinado dos tais meninos! Queimados sejam eles!... Agora vamos ao pasquim, Atenção, minhas queridas! (Lê).

Tratado especial do incesto, pelo sr. arcebispo de Liyao, impresso de novo, e dedicado a sua irmã, a menina de Grisolles. Bonito par!...

O sr. arcebispo estuda os casos reservados... na confissão, para depois os pôr em prática.

Sermões do reverendo padre Fogo Ardente, fielmente colecionados pelos bandoleiros de Paris.

O Perfeito Porco, pelo sr. de Villequier, revisto, correcto e consideravelmente aumentado pela sr.ª de Villequier.

As damas de honor desatam a rir quando ouvem

Desejam vender ou comprar ouro, prata ou joias?

Prefiram as ourivesarias da firma Moraes & Gama
Rua da Betseda, 16

—E—

Ourivesaria da Estefânia
na Rua Pascoal de Melo, 132
onde, por preços com que ninguém pode competir, poderão comprar ou vender nas melhores condições de garantia.

CONSULTAS MEDICAS

PARA AS CLASSESB POBRES

Todos os dias, às 7 horas da tarde

FARMÁCIA SIMÕES
Rua Infante D. Henrique, 54
(a São Tomé)

Auto protector para evitar a infecção de todas as doenças veneras, Blenorragia, cancro e todas as doenças sifilíticas, use:



remédio alemão duma eficaz garantida usado por todas as pessoas que não querem espantar estas doenças.

Caixa bisagrad com as instruções de usar custa em Lisboa, 7600, e com caixinha de alumínio.

Esc. 8000. Para a província mais 10% de despesa. Envia-as à cobrança, pelo correio.

A venda em Lisboa: HERPETOL CURMA, na Rua da Politécnica, 16 e 18—Telefone Norte 4006

A venda no Porto: HERPETOL FIGUEIREDO, Ltda., Rua Cedofeita, 123.

HALLA 1**CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO**

Direcção do Sul e Sueste

Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste

Editos de 30 dias

Pela Comissão Administrativa da Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de 8.142.900 (oitocentos mil cento e quarenta e dois escudos), valor do auxílio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo único dos citados Estatutos, deixado pelo sócio n.º 2.055, Francisco Pedro dos Santos, revisor de material, reformado, falecido em 12 de Fevereiro findo e a cuja quantia se habilitaram Esperança da Conceição Oliveira Santos, esposa do falecido, por si e seu filho menor Manuel, e Beatriz dos Santos de Almeida, Esperança dos Santos Cavaco e Carlos do Carmo Oliveira Santos, filhos maiores do falecido.

Lisboa e sede da Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste, aos 23 de Março de 1926.—Peço Secretário da comissão administrativa, Albano do Canto.

Pela Comissão Administrativa da Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da ultima publicação deste anúncio no «Diário do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de 150.000 (oitocentos mil cento e cinqüenta escudos), valor do auxílio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo único dos citados Estatutos, deixado pelo sócio n.º 4.190 António Maria de Brito, condutor de trens reformado, falecido em 7 de Fevereiro findo e a cuja quantia se habilitaram Maria Antónia Ferreira, esposa do falecido, por si e seus filhos menores Edviges, Leocádia, António e Álvaro.

Lisboa e sede da Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste, aos 23 de Março de 1926.—Peço Secretário da Comissão Administrativa, Albano do Canto.

Serviços de Estudos e Construção

Concurso para adjudicação da compra de 1.500 metros cúbicos de pedra para alvenaria para a Secção de Construção das Novas Oficinas Gerais

ANÚNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 20 do próximo mês de abril pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de S. Manoel n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso, público para a adjudicação da compra de 1.500 metros cúbicos de pedra para alvenaria.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectua em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito oratório de 2.500\$00.

As propostas devem ser feitas em papel selado, ou com um selo de 1\$50 devidamente utilizada. A base de licitação é de 100.000\$00.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório com a quantia necessária para pre-fazer 5% da importância total da adjudicação constituindo, assim, para garantia do respectivo contrato, um depósito definitivo, que ficará à ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermédio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depósitos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Estudos e Construção, rua de S. Manoel, 63, ao Caldas, Lisboa e na Direcção do Minho, Douro, Pórtico, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 18 de Março de 1926.—O engenheiro chefe do Serviço de Estudos e Construção, C. Carvalho.

Tosses, Bronquites, Rouquidão,

Gatarros, Gripa,

Curam-se rapidamente com

FLUXOL

(Xarope petolar)

PREÇO 10\$00

* vendido em todas as farmácias e drogarias

e no Depósito Geral—Farmácia Portugal

Rua Augusta, 218—LISBOA

—Ah! minha cara condessa, disse Berta de Verceil, procurando conter o riso, se soubesseis que engracado pasquim acabámos de lér!... No dizer do autor, parece que nós sómios do dormitório como a deusa Vénus das ondas, ou vestidas como Eva no paraíso.

—Silêncio, malucas! silêncio! tornou a governanta

Dopos, dirigindo-se a Ana Bell:

—Vinde, minha filha, que a rainha quere falar-vos depois da sua conferência com o sr. cardeal. Ide esperar para o gabinete contíguo, separado do quarto de Sua Magestade por um corredor. Entrareis quando ela vos chamar, na forma do costume, tocando três vezes a campainha.

Ana Bell saiu com a governanta, deixando as campanheiras que continuavam a rir e a trocar a respeito dos pasquins.

Catarina de Médicis e o cardeal Lorena continuavam a sua conversação começada depois da ceia.

O prelado, astuto, manhoso, pesando as menores palavras da italiana, mostrava-se ora respeitoso e reservado, ora familiar, segundo o aspecto que tomava a conversação.

A rainha menos preocupada com o que dizia o Guise do que em adivinhar o que ele não dizia

A BATALHA

A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

Azevedo Coutinho parece estar à espera de arredondar uma conta em Moçambique

Vemos nos jornais que Cunha Leal, na sua conferência de propaganda política, no Pórtico, falando largamente sobre as nossas colónias e descrevendo a desgraçada situação de Angola, acrescentava:

«A situação em Moçambique não é melhor. Ruínas, desolação, desequilíbrio financeiro, greves, incompetência administrativa, miséria e desleixo, tudo contribuindo para que se encontre numa dolorosa situação material e moral.

O Alto Comissário parece estar à espera de arredondar uma conta.

Não há nenhum plano orçamental; os Bancos atrofiaram; as companhias magestáticas nada fazem.

Sobre este tema, já velho para nós e também para a Nação, tem a Batalha produzido afirmações gravíssimas, que em outro país ou com outros homens de posse do Poder, há muito que teriam produzido os naturais resultados: demissão de Azevedo Coutinho seguida de um inquérito à sua desembestada, despótica e nefasta obra, de modo a chamar-lhe à responsabilidade pelos abusos que tem cometido.

Em Portugal, pelo contrário, uma indiferença confraçadora;—e só agora um político com responsabilidades de governo, veio a público a condonar, numa síntese perfeita, o que está sucedendo na nossa província ultramarina da costa oriental da África.

Sobre um ponto das afirmações do sr. Cunha Leal não tocámos ainda:—Bancos e Companhias Magestáticas, por não caberem a Azevedo Coutinho todas as responsabilidades do que está sucedendo.

No entanto, os Bancos atrofiaram. Há oito, o National Bank e o Standard Bank, que encerraram quase todas as suas sucursais, que paralisaram todas as suas transacções, retirando da praça todos os créditos. Ao primeiro diz-se que causou o governo, com o regime da portaria 233, um prejuízo de cerca de 1 milhão esterlino; e, em virtude da situação precária em que se encontram, um só lito os move actualmente:—liquidar os seus negócios, trancar as portas e recolherem os seus papéis às respectivas sedes.

Não vale a pena falar das instituições bancárias portuguesas, ali estabelecidas. Elas são causadoras de inúmeros males e perturbações; mas não se explica que seja Azevedo Coutinho, depois de, com larga medida, se aproveitar dos seus favores, quem estimula a Secretaria de Finanças e o seu círculo de «corneta governamental», a vir a público, inventando e deturpando, para lançar sobre essas instituições responsabilidades que só ao Alto Comissário cabem.

A Batalha é, por princípio, infígia de alta finança; mas nunca deixou de focar a verdade, e esta manda que se proclame que em Moçambique tudo está em ruínas por culpa exclusiva de Azevedo Coutinho:—o comércio, a indústria, a propriedade, a finança, as classes produtoras, a família, as instituições municipais, o princípio da autoridade, os serviços públicos...

Quanto a Companhias magestáticas, é oportuno dizer-se o seguinte:

Azevedo Coutinho nunca deveria ter sido escolhido para Alto Comissário, porque foi, durante anos e até, pelo menos, à data da sua nomeação, administrador da companhia (magestática) de Moçambique. Por outro lado, o mesmo Azevedo Coutinho favoravelmente se pronunciou pela prorrogação do arrendamento dos territórios do Niassa à companhia (magestática) que actualmente os explora,—o que é um crime gravíssimo.

Como bom administrador, Azevedo Coutinho procurou colher informações sobre a acção dos estrangeiros nos territórios en-

tregues à exploração de companhias, tendo o cuidado de não mexer com a Companhia de Moçambique de quem tinha recebido honrários.

Sabe-se que os territórios de Manica e Sofala estão absolutamente invadidos por companhias e homens estrangeiros, e que de tal forma é avassaladora a sua influência, que os portugueses que por lá há estão, na sua quasi totalidade, estrangeirados. Tão estrangeirados que nunca se ouve falar ali, sequer, nos nomes «quinta, fazenda, propriedade».

Farm, o termo inglês, é empregado por todos, sem exceção, a falar ou a escrever.

A «Companhia do Niassa», como a «Companhia de Moçambique», é um organismo parasitário, que nada produz, que tudo absorve sem proveito para a Nação.

Os imensos territórios sob a tutela da Companhia do Niassa, estão retalhados pelo alemão ali estabelecidos. Os serventários da companhia recebem salários miseráveis, tendo, porém, o pulso livre, para se entrearem a culturas, a comércio, à exploração do preto.

Deste modo, sem lucro apreciável para o Estado, os melhores e mais extensos territórios de Moçambique estão nas mãos de companhias com direitos magestáticos, companhias que conseguem prorrogações dos seus arrendamentos porque muitos dos políticos que passavam por Lisboa auferem vantagens, vencimentos, a título de administradores, delegados do governo, etc., etc., e a êses tubarões de modo algum convém que sequer a fonte dos seus provenientes.

Vitor Hugo Coutinho era um desses tubarões; e, pela sua ação protecionista, já oficialmente declarada, a Companhia do Niassa, está-se preparando para, liquidado como Alto Comissário, comer à tripa forra na mesa lata daquela companhia.

Ele bem sabe as linhas com que se cose!

Bem sabe que de há muito está liquidando como Alto Comissário e que não há forças humanas que o sustentem contra a opinião unânime, a repulsa declarada e alterosa de todos os organismos económicos e sociais de Moçambique.

Pode o Ministério, cavando mais fundo o divórcio entre a Nação e uma política bastarda de compadrio e comilância, aguentá-lo mais alguns dias; mas, perdido como está o seu prestígio como homem e como autoridade, a temosia do governo simplesmente encaminha os acontecimentos para a caminhada, todos êsses políticos de meia tijela que se amparam mutuamente.

E mais uma verdades a acrescentar:—Azevedo Coutinho que, pela sua incompetência administrativa, lançou a província de Moçambique na desolação, no despotismo, no desequilíbrio financeiro, na greve, na ruina,—há de ver-se em séries dificuldades para sair de Lourenço Marques com a pele intacta.

A actual situação na América

A situação económica actual da América é caracterizada por uma produção muito desenvolvida, sendo todavia o «chômage» insinuante.

Após os movimentos grevistas de 1919-1923, uma forte reacção se produziu no seio do movimento operário americano.

O salário médio até há pouco era de 25 dólares por semana, sendo essa importância insuficiente para as condições de vida ali existentes. Além disso a maior parte dos trabalhadores norte-americanos auferem salários inferiores a 25 dólares, havendo por isso grandes massas exploradas profundamente descontentes com a sua situação, mas que não tomam, no entanto, tanto, uma orientação verdadeiramente revolucionária e reclama a demissão daquele funcionários e a solução da greve em harmonia com os princípios de justiça.

Um discurso do "leader" trabalhista Cook à cerca do conflito mineiro

reclamações dos operários, fez que estes aprovassem o prosseguimento da greve. Também continua na mesma localidade a greve dos empregados no serviço de transporte e camionagem. Os grevistas vigiam avenida da Gare o movimento dos caminhões. A calma é completa.

Os operários cabeleireiros de Nimes reuniram-se na Bolsa de Trabalho e decidiram a declaração de greve, pedindo um salário fixo de 25 francos ou de 15 francos com 10 por cento sobre a venda dos produtos. Ao declarar-se a greve, percorreram as principais ruas da cidade, manifestando-junto dos patrões.

Hortelãos de Perpignan

PERPIGNAN, 28.—Uma parte dos hortelãos declarou-se em greve, reclamando 8 horas de trabalho e vinte e cinco francos por dia. Foi insucessida uma tentativa de arbitragem.—H.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

A. Dantas.—Porto.—O ofício é presente à reunião do conselho de hoje. Não sei o que resolver.

A. Silva.—Coimbra.—Recebemos os aportamentos; breve os devolveremos.

Sindicato de Faro.—Respondam ao ofício enviado.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Voz Sindical.—Digam com urgência o original que têm.

Aos Núcleos.—Enviem o número de filiados.

Jaime de Oliveira e Castro.—Traz ou manda as chaves do arquivo da Federação.

CRISE DE TRABALHO

Operários sem trabalho e licenciados das obras do Estado

As comissões delegadas do Sindicato Único da Construção Civil, procurou ontém o ministro do Comércio, para o pôr ao corrente da grave extensão que está tomando o conflito entre o pessoal operário e a junta autónoma das obras do pôrto da barra de Viana do Castelo, pelo facto desta exigir do referido pessoal 10 horas de trabalho, o que é contrário às disposições da lei n.º 5.516 e seu respetivo regulamento.

A comissão não conseguiu falar com o referido ministro, devido ao mesmo se encontrar presentemente no Pórtico, e em face disto procurou, no Parlamento, o ministro do Interior, o qual não lhe sendo possível receber a comissão, enviou ao encontro da mesma o seu chefe de gabinete, o qual depois de ouvir expor o assunto em todas as suas minidências, declarou que sejam tomar imediatas providências, pois que as leis fizem-se para ser cumpridas, e que imediatamente a comunicar às autoridades competentes para pôr termo a um conflito no qual a razão estava ao lado dos operários.

NO ESTRANGEIRO

Glasses operárias de Nimes

NIMES, 28.—A resolução tomada pelos mestres de obras de Alais, rejeitando as

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Os trabalhistas independentes contra o imperialismo inglês

A cadeia de Santa Cruz de Coimbra oferece alguns testemunhos preciosos sobre a iniquidade da justiça burguesa

COIMBRA, 29.—A convite de alguém, transpusemos as portas da cadeia desta comarca.

Iamos ali escutar da boca dum preso um grito de revolta contra a justiça atuinalda, da sua sociedade.

Manuel Casimiro é o nome do preso que temos na nossa frente.

Numa voz de repassada revolta, conta-nos o que segue:

Ele, Manuel Casimiro, trabalhador rural, preso nesta cadeia há meses, juntamente com outros indivíduos, todos acusados de implicados numa série de roubos e furto praticados há alguns anos, respondeu há dias em tribunal pelo delito que lhe era imputado.

Dos nove réus, sob quem pesava a acusação de haverem sido coniventes dos mesmos delitos, saíram todos em liberdade à exceção de Manuel Casimiro, sobre quem, não obstante pelo decorrer da audiência se haver provado que o grau da sua culpabilidade era igual ao dos outros réus, caiu, pena, inexorável, a pena da lei.

Concretizando as suas afirmações, o recluso Manuel Casimiro faz ressaltar a revolta diversidade de critério com que o tribunal julgou a culpabilidade dos vários réus.

Para que se analise com nitidez o espírito de iniquidade de que estava inquinado o juri, Manue Casimiro põe em confronto:

—Ora veja—diz-nos ele—Principiavam: Rodrigo Gonçalves da Silva, um dos réus, pronunciado por receptor de objectos roubados, tendo perfeito conhecimento da sua origem.

Este Rodrigo Gonçalves da Silva ia esperar os objectos roubados, perto do local onde os roubos eram praticados. Em cada déste indivíduo foram apreendidos pelas polícias objectos de grande valor, ouro e roupas, que constituiam o espólio de muitos assaltos que a quadrilha praticou. Na polícia, este cidadão confessou a sua perfeita consciência da origem dos objectos adquiridos. Rodrigo Gonçalves da Silva, que é industrial e proprietário em Coimbra, mereceu das grandes proteções que emprenhou para a sua salvação saiu em liberdade.

Alípio Baptista, proprietário e lavrador da Copeira, nos arredores de Coimbra, tomou várias vezes parte activa nos roubos e comprovou muitos objectos com pleno conhecimento da sua proveniência, sendo-lhe apreendidos pela polícia objectos de ouro, roupas e alguns utensílios de mobiliário.

Confessou na polícia a sua comparticipação nos roubos; mas inscreve também em confronto:

—Ora veja—diz-nos ele—Principiavam: Rodrigo Gonçalves da Silva, um dos réus, pronunciado por receptor de objectos roubados, tendo-lhe sido apreendidos alguns objectos em casa. Pelas mesmas razões que o seu irmão, Alípio, saiu absolvido.

Manuel Borges, proprietário e lavrador de Pereiros, freguesia de Castelo Viegas, igualmente confessou a sua colaboração nos roubos, tendo-lhe sido apreendidos alguns objectos em casa. Pelas mesmas razões que o seu irmão, Alípio, saiu absolvido.

Agora, quanto a mim: Vai observar a diversidade de critério com que a lei encara os actos daqueles que ela reputa criminosos e que não são nem lavradores, nem proprietários. Eu, Manuel Casimiro, trabalhador rural, casado e com filhos, absolutamente pobre, residente em Pedreira, freguesia de Castelo Viegas, príncipe de muitos assaltos que, chamais à polícia e por ela interrogados, descarregaram sobre mim todas as culpas. Confessei toda a minha cumplicidade nos roubos. A polícia não encontrou em minha casa objecto algum proveniente de roubos. Tudo em que eu partilhei me coubera há muito que eu tinha vendido por «uma tuta e meia» aqueles que se valiam da minha miséria para me incitarem ao roubo. A minha responsabilidade nos roubos não é maior do que a de aqueles quatro, que menciono. A pesar de tudo isto caio sobre mim a pena de 3 anos, 7 meses e 6 dias de prisão celular, ou na alternativa de 6 anos de degrado em prisão de 1.ª classe, acrescidos da multa de 6 meses a 1500 por dia e 15000 de imposto de justiça.

A concluir, numa grande indignação:

—Não peço severas sanções da lei para os que foram soltos e que são tão ladões como eu. O que me revolta é a diversidade de tratamento com que a lei acolhe: o ladrão que veste decentemente, tem propriedades e gosta de altas proteções, e o pobre, o miserável, sem eira nem beira.

Para uns a liberdade, para outros os horrores do cárcere!

* * *

Durante a nossa visita à cadeia de Santa Cruz, fomos abordados pelo preso António Duarte, que, indignadamente, nos contou o desleixo a que tem sido votado.

Eis, tal qual ele no-la, a sua crítica:

—Eis, tal qual ele no-la, a sua crítica: